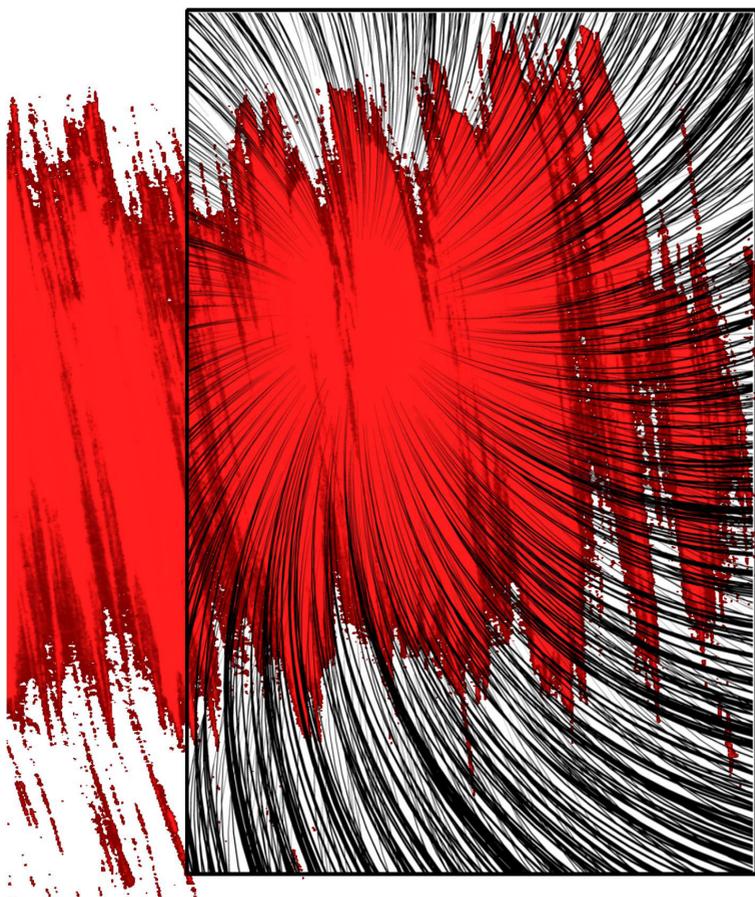


FANZINE Defarrabios

FANZINE Ano 0 - agosto 2017 - Nº IV



COLETIVO



Andréia Evangelista é geminiana de Niterói, índiga de 1983. Atua como performer utilizando o corpo como resistência psicossocial.



Tudo que compreendo como vida real passa do lado de fora da minha janela.

Será que é um vício ser somente eu?

Sempre vejo tudo de ponta a cabeça. Acho que só eu vejo os pés batendo no céu.

A galera segue sua normalidade cotidiana. Tudo deboísmo.

Dramatizei a porra toda. A cabeça que está pra baixo é somente minha. Haja desconforto para cobrir tanta rotina. Vivo chateada demais pra esquecer. Para ficar o tempo capaz de dissolver as intolerâncias nas bases da minha solidão.

Me retiro mais vezes que fico. Fico mais pra lá sempre que há.

São muitas as viagens no pensamento. Nunca fui de estacionar.

Comprei muitos cigarros pela janela do carro. Não dá tempo.

Ansiedades me devoram as pazes comigo mesma.

O filtro sujo das minhas certezas purifica demais. Acho que abriu um clarão na minha cabeça. Fiquei diferente. Deu ruim pra mim. Hoje vejo que todos já perceberam.

Ninguém me acompanha.

Ninguém me aguarda.

Comigo só sonho.

Só da quarta pra cima.

Só de ponta a cabeça.

Que os morcegos, esses chupadores de sangue, me deixem

seguir.

Vou fazer alguma coisa diferente do que foi planejado.

Estou pra diluir.

Quem me salvará de mim?

Entretanto entendo pouco de realidades

Tudo me parece estranho.

Sempre andei mais pra lá que pra cá

Qual é o caminho de casa?

Foram muitos os pesadelos em que me perdia e não conseguia voltar.

Cá estamos!

Santa fumaça rogai por nós

Sem pecados

Nós que não falamos lé com cré

E não percebemos o contrário

Me tira do meu umbigo

E que eu não carregue as dores do mundo.

Me livre das manipulações contra meu corpo e minha fé.

Que o céu seja em mim, onde tudo é.

Não sei o que fizeram de nós que ficamos tão fodidas de cabeça...

desconfio que tem a ver com amor

O anti-amor próprio.

A cópia

A representação

Passo o dia inteiro vivendo histórias criadas pela cabeça

Quando o real chega não me é íntimo.

{ Não reconheço cotidianos.

As pessoas de verdade erram.

Pq (junto, separado, com acento os carajo...**) as miudezas se sobrepõe ao real fato da beleza?

Modelaram com porrete!

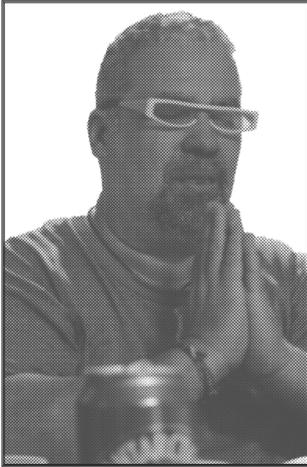
(Anorexia, terror noturno,bruxismo, TDAH, INSÔNIA, desmaios, queda de pressão, histrionismo, transtorno dissociativo de personalidade??? Pensei que fosse o teatro. Hoje é só pomba gira.)

A passarinha da gaiola ou a perereca da vizinha?

Nunca estive aqui antes. Não que me lembre. Parece o limbo. O lugar nenhum. A noite cósmica. Tudo é FIM por dentro de mim.

RENASCIMENTO dói muito... Sem anestésico? Tolerância para dor ou o prazer? Preciso reconhecer que as coisas doem de verdade no meu mundo. Quem construiu ele?

Doeu mais para colocar DIU que para parir. Gosto de iluminar o mundo.



Poeta, ensaísta, romancista, compositor e cantor de samba, jazz e blues.
Parceiro e biógrafo de Delcio Carvalho.

Autor de
Poemas Malditos,
Poemas do Rasgo da Hora,
Poemas em Riste,
Poemas em Cortes Profundos e
Poemas da Morte Presumida

As palavras ainda mais distantes das coisas.

O ser das coisas ainda mais distante das palavras, eis um caminho para a angústia essencial da espécie.

Um ato eterno de desespero que corre em nossas veias e que torna insuportável a não possibilidade de nomeação do que quer que seja.

Cabe a indagação: Por que penso?

Na extensão do inimaginável a resposta roça nossas almas aflitas que precisam de um mínimo de ordem para estar-aqui.

Contrariamente o ser das coisas afunda nossas mentes no desprovido de si mesmo, no abandono e solidão.

O Ser e o Nada na corporificação de algo que já aconteceu em tempo algum.

A imagem de uma sombra no vazio de tudo que é escuro.

POEMAS DA CRUELDADE E DESTEMPERO

1 Digo que a porta/
está aberta ou fechada/

ou manchada de sangue/
e de tédio de domingo cinzento.

Digo que as vestes do profeta estão rasgadas/
quando ele transita pelas ruas de um nunca vi/
cuspindo fogo e ardendo em febre/
antes da invasão de todo e qualquer exército sanguinário.

2 Vendi minha alma/
antes do começo dos tempos/
em minha iniciação/
desconheci as origens.

Bebi vinho/
e vivi como um monstro num labirinto/
devorando moças e rapazes/
em minha sede de carne fresca e leitosa.

Vendi minha alma/
e apodreci lentamente em segunda conjugação/
e fui descendo as escadas do desvario/
como quem mastiga a imensidão de sua dor.

{João Ayres

3 Ontem acordei ninguém/
Indefinido em olhos que embaçam a manhã/

Ontem e tão somente ontem/
Não mereci a atenção dos roedores.

Ontem acordei ninguém/
insano e incontrolável na palavra suicídio/
em gotas de orvalho a molhar a face marcada/
por séculos de traição e sevícia.

PHARMÁCIA

I

Não há lenitivo/
quando o verbo é morrer/
conjugado neste agora/
que desconcerta as raízes.

Tome isto/
beba de hora em hora/
o que resta do que não resta/
e repita a operação de tantos em tantos abismos.

II

Remédio para tosse quanto custa um/
não sei pergunte ao outro balconista/
para que ele melhor te indique/
um jeito absurdo de definhar mais rapidamente.
Que tal o tal veneno para rato/
ou talvez algo que destrua de forma eficaz o substantivo,

a palavra GARGANTA;

Que tal isto ou aquilo/
ou senão este efervescente de nada,

Que tal isto
ou aquilo
ou talvez
e talvez
este tédio
esta angústia,
este tédio,

Que tal este tal,
Que tal este nada?

III
assim
engula
mais uma vez

respire
bote para dentro
você vai ver
vai se sentir melhor
certamente
assim espero.

respire
e morra amanhã
pois nós dois sabemos
que a doença gosta de comer pudim
antes de se alastrar definitivamente.

vamos, beba mais um pouco/
engula de uma vez
sinta a presença do fim
circulando em suas veias
levante a cabeça
olhe bem nos meus olhos
veja este sempre como a eternidade/
como se esta fosse para a terra do nunca.

Tchello d'Barros

Escritor e artista visual, vive e trabalha em Rio de Janeiro. Dedicou-se desde 1.993 à criação de poemas, poemas visuais, contos, desenhos, pinturas, gravuras, fotografia, performance, instalação e videoarte. Seus temas principais são sobre sociedade, política, fé, sexo, relações humanas e cotidiano. Publicou 6 livros de poemas e possui textos em mais de 50 antologias, coletâneas e livros didáticos. Com 31 exposições individuais, suas imagens já participaram de mais de 100 exposições coletivas. Coordena a itinerância da exposição “Convergências”, retrospectiva de seus poemas visuais e realiza curadorias de Poesia Visual e Arte Postal.

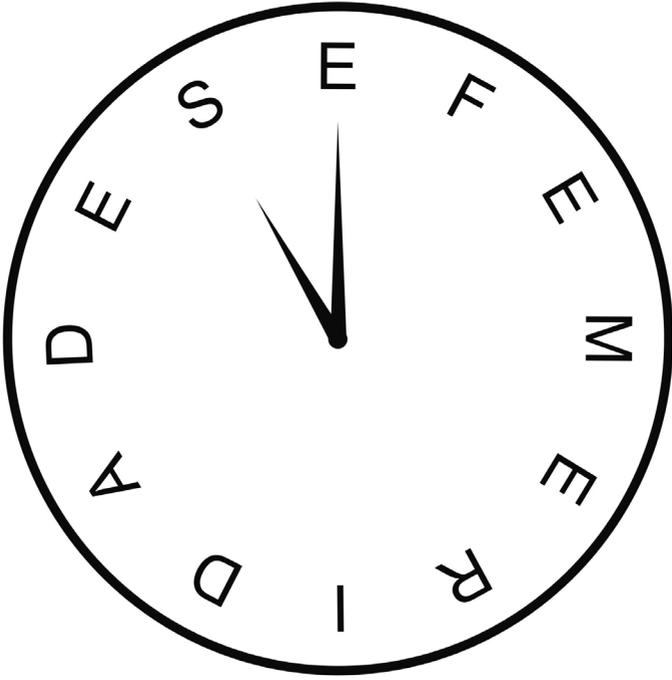


Tchello d'Barros

tchello@ufrj.br

FB: Poesia Visual / Visual Poetry - Tchello d'Barros

Rio de Janeiro (RJ) Brasil



R I O S T R A N S I
 SEMPRE
 NUNCA AGORA

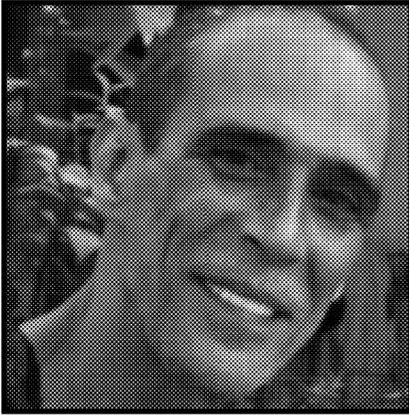
{Tchello d'Barros

A
D
E
T
E
R
N
I
D
A
D

N I D A D E	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R
R I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D
R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R
T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D
R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R
T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D
R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R
T E R N I	T E R N I	T E R N I	T E R N I	T E R N I	T E R N I



{Tchello d'Barros



Marco Valença é poeta, compositor,
fotógrafo.

www.marcovalenca.com



ABRAÇO E BEIJO

Você é bendita quando bandida que me surpreende surgindo debaixo do vão da escada, tocaia de carinho e afeição, quando pula em meu corpo, salta em minha cama, sempre solto estou para você que me assalta num susto justo de justeza e de justiça, porque há saudade, porque há encaixe pleno entre nós.

Você é benvinda sempre, quando chega num zás de relâmpago ou em passos leves e vagarosos, com sabor de menta ou cheiro de carambolas, rosto em riste de seriedade ou moleca sapeca gargalhando suas peripécias, você que é a mais artilosa e a mais sincera, feiticeira, maga, bruxa e companheira, fada, simples e esdrúxula, sabe o custo da distância e os prazos do tempo, você que me mostra e ensina o amor escancarado em sentidos e sentimentos.

Você é a divina e vulgar, a mulher mais linda que me toca desses jeitos sutis e ferrenhos, com mãos de lã e tato áspero de casca das mais frondosas mangueiras, com atos cálidos e gestos vigorosos, seivas densas de seringueiras e salivas saborosas de romã, você que não mede esforços para o carinho e o prazer, mas cede espaços para a meditação e o entendimento.

Você que é dona e, por isso, toma conta de seu bem, você que doma e sabe ser danada e também dominada pelos meus instintos e manhas, dama dada ao prazer, demo prestes a se exorcizar, divisão e soma, príapo e cona, fonte da multiplicação dos poemas, musa e tema, cadeado e senha, avena que contempla sonhos, com sua natureza de canções

e flores, caverna que me guarda os mais íntimos e recônditos instrumentos de princípios, meios e fins.

Você é bem falada, bem escrita, bem fadada, bem infinita, infinda em suas idas e vindas, você é bem do meu jeito e me ajeita para eu ser do seu feitio, homem esguio que me guio por seus mapas traçados, por meus querereres aos seus abraçados.

02.09.2011.



http://www.marcovalenca.com/emprestoverso_ler.asp?cod_poesia=153

.....

CONTO CALADO

{Marco Valenca

muitas vezes me calo
e em outras te conto tanta história
o intervalo entre a palavra e o silêncio
é o mesmo tempo
entre o esquecimento e a memória

é o mesmo vento que cessa
e mais uma vez se renova
o engenho da roda d'água

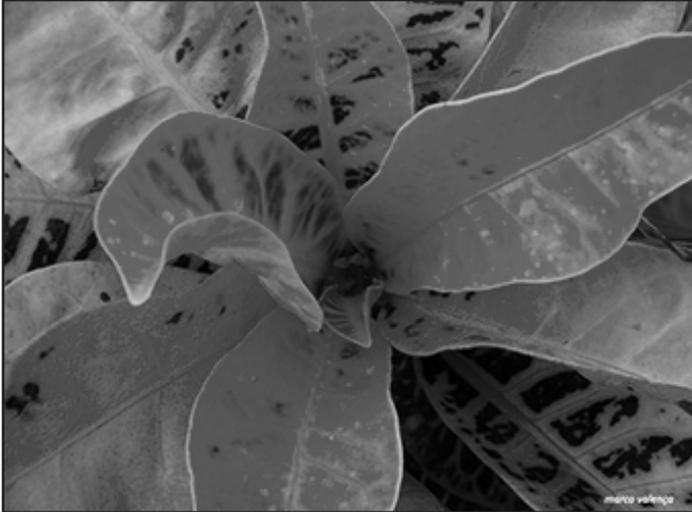
a máquina de fazer magoas
o que nos morde e assopra

muitas vezes te falo
de belezas e lisuras e da escória
é que o astrolábio tem que ter seu alimento
seu equilíbrio
para se apontar por conta própria

não há movimento que impeça
o progresso do poder do universo
é que seu dia a dia tem milênios luz
em seu inventário

não há sentimento que transgrida
a ferida da intermissão sagrada
é que a vida é livre de medidas
quando conto e calo

20.12.2016.



<https://www.youtube.com/watch?v=iykS5RLxDes>

CUIDAR

Como se cuida de uma planta
ou um animal
com água e luz, alimento

como se cuida de um filho
olhar atento, carinho preciso
pelo tempo necessário

como se cuida de uma crença
de um sacramento
com fé e abnegação

como se cuida do parceiro
alinhando os trilhos
caminhando ao lado

como se cuida da vida
com mãos de trabalho
e coração de zelo

como se cuida o cuidado
com acuidade de ourivesaria
com compressas de afeto

sem pressa e com emergência
assim se cuida o amor
o vivo amor que quer ser eterno

06.05.2011.



<https://www.youtube.com/watch?v=4nGhqSH4zlg>

PROSA

meu ar é ir.

mesmo imerso na possível felicidade plena, certa, imensa: o dom é sair. e espalhar venturas ótimas, boas incertezas. é que o amor é uma coisa tensa, quando se faz; uma coisa lassa quando se goza; uma coisa só, que é uma só, quando se reúne e se aparta de nós, de nós dois e de nós mesmos.

meu mar é ir.

mesmo seguro em um querido porto, com sustento e alimento, com caução e embarcação: meu som é voar. e espanar pelos éteres os sentimentos de sacramentos e blasfêmias, brincadeiras das filosofias e das ciências.

meu lugar é ir.

mesmo porque quando saio, voo, caminho, rastejo; nunca te deixo. me volto para meu espelho, te vejo, me volto para você, não há jamais.

meu estar é ir.

mesmo vendo o que vir, o que vier a ver, aqui e além; te amar é o valioso de me permitir, é mais que precioso, é para mim preciso. viver é um pouco de tudo, um tudo para poucos, ir até o fim e tornar ao início.

meu amar é ir.

sei que você é seta, sei que você é alvo, sei que você é certa, sei que você é alva, sei que você carrega em si o que cura e salva, sei que você não nega, em mim o que enforca e afoga. sei quanto me tolera, sei o quanto me adora, um tato que se esfrega, um trato que se incorpora.

meu ar é ir.

para estar aonde estou agora.

2017.

http://www.marcovalenca.com/emprestoverso_ler.asp?cod_poesia=144



Professora de Dança e Dançarina, Atriz. Já fez Projetos em Niterói como Projeto Escola com a Cia Teatral Atuando Actus. Poeta (Escritora) Antologias Um Brinde a Poesia 15 Anos e Poetas Raios de Sol
Diretora de Ações Culturais Movimento União Cultural Núcleo Niterói/Colunista Social (Jornalista)
Produtora Cultural Idealizadora de Vários Eventos em Niterói



O Pecado {Jammy Said

O Pecado mora ao Lado
Vizinho da Noite.
O Pecado Morde os Lábios.
Entra em seus Pensamentos.
Acaricia com Açoite.
Arranha sua Pele...
O Pecado Grita...
Sussurra Baixinho.
Palavras desconexas...
O Pecado te pega de jeito.
Ajeita seu Cabelo...
Beija sua Boca.
Te deixa Louca.
O Pecado enlouquece.
Tortura e Aquece...
O Pecado é o Vinho...
A cor do Batom.
A cor do esmalte Vermelho.

Cor de Sangue...
 olhos da Cor do Pecado.
 Enfeitiça...
 Curvas que percorre meus Dedos.
 O Pecado é a Malícia...
 Delícia...
 Desejo...
 O Pecado aquece seus Desejos.
 {Jammy Said



Horas Impróprias {Jammy Said

Chegando Devagarzinho querendo Conquistar meu Coração.
 Ligações na Madrugada...
 Me Chamando de Amada.
 Querendo provocar Emoção.
 Mensagens de Bom dia...
 Com Carinhas de Alegria...
 Eu não dou Esperanças...
 E você insiste...
 Diz quem tem Paciência...
 Eu dou Gargalhadas...
 Um pouco moleca
 Meio Fada.
 Não Tenho tempo...
 Você olha o Relógio...
 Diz que espera...
 Eu sempre Simpática...
 Sorrindo sigo meu Caminho...
 Você me faz Surpresa...

{Jammy Said

Aparece nas Horas Impróprias...
 Com um Sorriso nos Lábios...
 E flores nas Mãos...
 Me olha nos olhos.
 Me chama de Paixão...
 Reflito sobre o que fazer...
 Não quero Mágoas em Você.
 Seguro suas Mãos...
 Agradeço!!
 Muito Obrigada...
 A Voz Sufocada.
 Sem saber o que fazer...
 Espero que Reflita...
 Eu não Amo você.



Sonhos e Fantasias {Jammy Said

Eu sonhei com avião
 Foi uma Viagem direta para seu Coração.
 Na mala Fantasias...
 No olhar brilho e magias.
 Passagem só de ida, sem volta.
 Apenas uma pergunta...
 O que me espera nessa Aventura.
 Viver de Amor e Ternura.
 Sair da realidade...
 Viver a cumplicidade.
 Esse amor feito de palavras escritas...
 Imaginações, sussurros não ouvidos.
 Toques desconhecidos...

Carinhos, beijos e libido.
Viajante dos sonhos mais pervertidos.
Sinto você em minhas mãos.
Meu Coração pulsa de Paixão.
Não quero acordar dessa Viagem.
Quero esse amor Selvagem.
Que me faz suar, respirar ofegante.
Nós envolver no momento.
Você nos meus pensamentos...
Eu a Noite....
Você a madrugada....
E a noite adentra a madrugada.
E por um Simples momento...
Tudo se torna madrugada...
E nós....
Por um momento somos um...
Enfim respiramos pausadamente...
A cor volta a minha face.
Só temos as lembranças como companheira.
De algumas Noites inteiras...
Toques reais...
Beijos, carinhos e carícias.
Olhares e Malícias.
Somente agora a espera...
Um Oceano nos separa...
A distância e a Saudade...
Realidade.....
Sonho e Fantasias
Dia após dia...
Viver é Magia.

A Pele que Habito {Jammy Said

A pele que habito com aroma de flor
exala o cheiro do amor....

A cor do pecado, olhar apaixonado.

Brejeira como flor de laranjeira...

Sorriso de botão de rosa os lábios vermelhos carmim.

Aonde o belo se esconde atrás da malícia...

Beleza escondida toque suave da alma...

Indecifrável ser mistério...

Que desnuda sua alma com apenas um sorriso e leva ao paraíso.

Ser Mutante em Metamorfose...

Simbiose Perfeita.... Decifra-me...



José Antonio de Carvalho e Silva
 Químico Industrial
 Engenheiro Industrial – M. Sc.
 Psicólogo Clínico
 Escritor
 Conferencista

DÉJÀ-VU

“Sensação de já visto”

Pedro Shonga caminhava pesadamente em direção ao escritório, sem vontade de chegar ou de não chegar. Simplesmente se deslocava através de uma trajetória inexorável, um estranho a seu próprio destino. Caminhava e não atentava para o seu redor, pois se as coisas aconteciam, a ele não aconteciam, uma vez que Shonga já se apartara do mundo, era uma partícula que se movia de casa para o escritório e do escritório para casa. Em tempos de sonhos odiara o local de trabalho, gratificando-se com a ideia de que um dia se libertaria de sua vida de papel. Entretanto, a sistemática de vida à qual Shonga foi se deixando atrelar durante longos anos gradualmente fechou-lhe as portas do acaso, do inesperado, ao proteger-lhe de suas emoções. Seu dia a dia ficou tão exatamente premeditado que qualquer interferência do fortuito seria necessariamente barrada como uma indesejável perturbação da ordem natural das coisas.

Finalmente, nada mais acontecia a Shonga. Durante algum tempo, seu passado ainda o perseguiu, a lembrança de perdidas esperanças ainda esvoaçava em seus devaneios até

ser enxotada de vez. Sua vida passou a ser linear, onde passado, presente e futuro se confundiam num sabor de “dépà-vu”. Carente do referencial que até mesmo infortúnios plantam no viver dos miseráveis, Pedro Shonga vagava numa trajetória onde o tempo era uma coordenada imutável. Já lhe era impossível perceber a transformação dos dias em semanas, das semanas em meses, dos meses em anos. Tudo sempre igual.

Pedro continuava caminhando, a cabeça baixa da certeza do imutável, até que o percurso se cumpriu, mais do que foi cumprido. Ao perceber, instintivamente, que estava diante do elevador do prédio onde trabalhava, levantou seu braço e comprimiu um dedo no vazio, pois que não havia botão para apertar, nem sequer parede para suportá-lo. O que havia, desvelado pelo pressionar de seu dedo, eram amendoeiras e casuarinas que guarneciam ambos os lados da alameda que se estendia diante de si e através do tempo. Foi com um sentido de excitação que Pedro embrenhou-se por aquela senda, os alegres raios de sol de verão a iluminar alguma coisa que surgia do passado e da distância. Um mar todo azul e de águas serenas lançava reflexos prateados das suaves ondulações de suas marolas. As areias da praia eram muito brancas, apenas marcadas pelos ramos que se desprendiam das árvores, batidas por um vento de sal.

A paisagem era por si só radiosa, mas o momento era de perfeição, e o mar se derramava pela areia, alcançando e acariciando um corpo de mulher de cabelos cor de ouro e concentrando seu azul em olhos que abrigavam toda a mansidão daquele universo. A exuberância do corpo era apenas contida por duas tiras de tecido negro, a comprimir generosas formas que ameaçavam projetar-se no esplendor de seios cuja curvatura, arfando suavemente ao sopro da respiração, sugeriam o prodígio deixado à imaginação.

A contemplação daquela mulher maravilhosa ali desde sempre

deitada devolve a Pedro o sentido do referencial afogado em seu sempiterno caminhar. Está na fronteira de uma nova dimensão, no afogamento de suas memórias, além do “déjà-vu”, do nada que é o seu dia-a-dia. A transposição dessa fronteira interromperá o prolongamento do sempre e do nada. Pedro estende-se ao lado daquela miragem. Ansiedade paralisante, medo da quebra do encanto e do retorno ao escritório. Vidrado, não toca, apenas acaricia com o olhar cada parte da esfinge à sua frente. Sente um desejo louco de se colar àquele corpo, enfiar suas mãos sob a minúscula tira negra, libertar os seios e logo acolhê-los no calor de sua boca. Arde de desejo e se consome na ansiedade. Quer logo percorrer com seus lábios aquelas pernas bronzeadas, sentir em seu rosto o excitante roçar dos pelos dourados de sol, entrar-se naquele doce remanso. Ela está só, ela e o mar, que vem e volta, rolando sobre seu corpo, língua de Netuno saciando o prazer de um deus. É preciso fazer esta mulher realidade.

O mar ia e voltava, o sol prosseguia no firmamento e os galhos das casuarinas farfalhavam languidamente ao sopro da brisa. Um tempo indefinido se passou e Pedro, dentro do elevador, deu enorme trabalho a quatro colegas de serviço que, a muito custo, conseguiram livrar de sua boca ávida os maviosos seios que saltaram, desprotegidos, da blusa rasgada de uma linda e aterrorizada secretária, que ficou a chorar aos soluços.



Edson Amaro é poeta. Publicou, pela editora Fragmentos, “Ouro Preto e Outras Viagens”.

E pela editora Buriti sua tradução do romance “Valperga”, de Mary Shelley.

PROSOPOPEIA: A PERGUNTA NUA

Como sabem todos,
 No ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 2013,
 Terceiro ano do governo de Dilma,
 Quinto ano do mandato de Obama,
 Terceiro de Pepe Mujica,
 A Polícia Federal encontrou,
 No dia 24 de novembro,
 Numa fazenda de propriedade do senador José Perrella,
 Num helicóptero de propriedade da Limeira Agropecuária,
 Empresa do filho do senador,
 O deputado estadual Gustavo Perrella,
 Um helicóptero com 450 k de cocaína.

{ EDSON AMARO
 Como disseram os jornais,
 A Fazenda era dos Perrella,
 O helicóptero era dos Perrella,
 O piloto era funcionário lotado no gabinete de Gustavo,
 Mas ninguém até hoje descobriu
 A quem pertencia a ilícita carga.

Um dos silenciosos policiais

Não conseguiu conter um espirro e um peido simultâneos,

E pelo orifício de onde saiu o constrangido peido

Saiu uma pergunta que a boca reprimia:

“A quem pertence o pó achado na fazenda dos Perrellas na aeronave dos Perrella?”

A Pergunta nasceu nua

Como nascemos todos nós

E nua ergueu-se entre os jornalistas

Que fotografavam a operação

Mas, pudibundos, eles desviaram as câmeras –

Preferiram castamente guardá-las para quando uma atriz fizesse *topless*.

A Pergunta, atrevida,

Dançou a Macarena ao ar livre –

Dançou daquela maneira nietzschiana,

Que é quando dançamos e os outros não ouvem a música –

Mas os bem pensantes profissionais

Da segurança e da imprensa

Fingiam não ver a louca.

A Pergunta abriu suas grandes asas

– Sim, as perguntas nascem aladas ou você não sabia? –

E ganhou os céus capixabas.

Logo esticava-se nas areias de Ipanema

E no dia seguinte transitava na Capital Federal

Entre os engravatados parlamentares,

Mais nua que o rei da história infantil

Mas os parlamentares não queriam quebrar o decoro e apalpar

as nádegas da Pergunta.

A Pergunta foi às redações dos jornais,

Às delegacias,

Aos tribunais,

Exibindo-se, despudorada.

Gritava aos quatro ventos que estava sempre fértil

E em seu perpétuo cio buscava homem ou mulher que a fecundasse

Para que finalmente pudesse parir a resposta.

Mas todos fingiam ignorá-la.

Tal como o profeta Isaías andou nu por três anos,

Assim mostrou-se nua a Pergunta despudorada,

E, ao fim desse tempo,

Arrastou sua irritante virgindade para dentro de uma igreja

E, na ponta dos pés,

Roubou um rosário

E, frustrada, encaminhou-se para um cemitério carioca

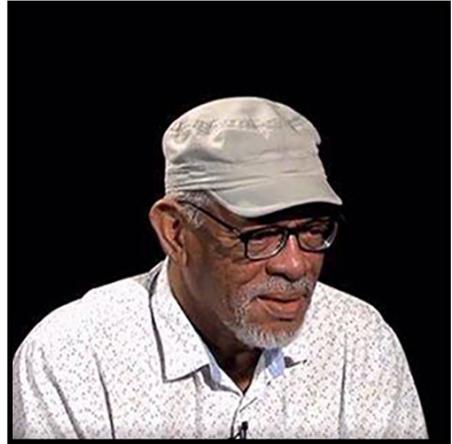
E foi rezar pelo eterno descanso de um adolescente do Morro do Borel,

Morto pela polícia em 30 de junho de 2016,

Porque o saquinho de pipocas que carregava

Foi confundido com um embrulho de drogas.

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.



Garça Parda { Conto

Curioso. Já havia passado por ali mil vezes e nunca havia visto aquela estátua.

Túnica verde escura, azinhavrada pelo tempo, rígida – de bronze que era – leve e diáfana porém, como se uma brisa fosse, a qualquer momento revelar totalmente, o frêmito arrepiado das pernas lisas da outrora ninfa, hoje mulher grega amadurecida, de tanto com o cântaro ir à fonte.

Feia sim, mas se via lá alguma graça naquele jeito só seu de ser miss de maratona em desfile no Parthenon.

É. Linda ela não era, que as gregas destas estátuas geralmente nunca o são. Nariz adunco, pescoço curvo, tudo a fazê-la muito mais harpia do que garça, naquela sem-gracice toda do feminismo lívido, às avessas, que dizem ser o das mulheres de Atenas, aquelas dos maridos ausentes, sem um Ricardão que seja para lhes encher de enlevo os dias, quiçá as noites de solidão.

Beleza mesmo só naquelas sandalinhas de tiras finas que usava, de um couro que mesmo sendo fundido no bronze, alguma coisa de delicado tinha; como também eram delicadas as solinhas rasteiras, de mínima espessura, quase a lhes deixar o

calor do chão queimar a planta dos pezinhos de fada-mulher. Quem não há de os querer ver e admirar? Quem?

E não é por isto mesmo que ela está ali, submissa estátua de jardim?

Pois foi assim mesmo, saída do enlevo desta visão súbita e sensual de uma ex-ninfa de bronze no jardim, que aquela, a outra, me apareceu – sei lá de onde nem quem era, pois nem havia lhe visto rosto ainda – num susto, me pedindo, não me lembro bem o que.

Estava sobre os saltos toscos e imensos de um sandalhão cravejado de pregos dourados, como se calçar aquelas plataformas elevatórias a fizesse magnífica, rainha entronizada de poderes inquestionáveis, impregnada de uma beleza qualquer, destas de magazines fashionistas. Pois sim.

Sem levantar os olhos ainda, as sandálias dela o que me lembravam mesmo, eram aquelas espécies de próteses que as acometidas pela poliomielite de antigamente usavam, uma perna curta outra comprida, um solado bem grossão (como o da aparição magrela), e o outro fino fininho (como a solinha da ex-ninfa estátua), a compensar o andar “deixa-que-eu-chuto” delas.

Como, sem os solões, as coitadas das aleijadinhas rebolariam? Como arranjariam maridos? Sem aquela correção de status, de nível, o caminhar delas ficava como uma destrambelhada dança de braço de roda de locomotiva, “chaca ...chuco”, “chaca ...chuco”, ou como aqueles toc sim, toc não, soando na calçada, no fim da madrugada, fazendo a gente, meio que dormindo ainda, pensar:

“_Ai!..Lá vai a coitada da solteirona aleijadinha comprar pão!”

E ela ali, com as mãos nas cadeiras, quase mesmo – ou pouco mais do que – uma aleijadinha compensada, pude perceber, quando levantei os olhos para a sua aparição esquelética e ainda estranha demais, me sorrindo um sorriso meio sem sentido, já

que não havia em mim – ou no lusco-fusco cinzento daquele dia – nada que tivesse tanta graça, algo a mais, de fazer alguém sorrir, insinuante, como gatinha filhote a se imaginar pantera, felinamente, miando assim, à toa.

No banco da praça atônito estava, atônito fiquei, ainda sem compreender inteiras as nuances daquela visão embaçada, ouvindo ela falar coisas que eu não ouvia. Com o que ela se parecia? Cobra não. Harpia não, já que não grasnara ainda ofensa alguma, talvez até por não compreender ainda o que o fel cruel das maledicências são.

Onça? Não, que nada. Algum bicho pernalta talvez, pensei confuso; garça esfaimada sim, a precisar, como todas, fisgar no lago algum cardume de gerinos, engulir algum peixinho dourado mais desavisado, uma rãzinha nervosa, sei lá, alguma dessas coisas que as garças, por costume ou por necessidade, engolem quase sem comer.

Mas, não. Misteriosa demais, a garça era suja e pardacenta como estava o dia, e uma das coisas que sei nesta vida, é que pardacentas e sujas – as garças definitivamente, não são.

– “Quer tio? Quer tio? Eu faço!”

Não havia mão alguma estendida, pedindo um trocadinho, um real, um salgadinho. Apenas a altivez desastrada de uma criança de sandalhão, como aqueles malabaristas magricelas de sinal de trânsito, um em cima do outro, pirâmide desumana quase a se desconjuntar, desmoronar, por uns trocados. Saltimbancos maltrapilhos a trançar lançados limões murchos para o ar.

Por nada.

Isto: A altivez do sandalhão era altivez de coisa nenhuma, de estima alguma pelo que vai acontecer no outro dia, no amanhã que Deus, por certo, ao que todos os indícios anunciam, não dará.

A única diferença era mesmo esta: a magrela garça parda era uma meninazinha de rua.

De nada.

Tinha um sorriso maroto manchado de um barato baton carmim-melado; saiotinho também de nada, apenas encobrendo o ainda nenhum quadril. Os cambitos de coxas-gravetos marcados de lanhos, escoriações generalizadas, porém, marcas indolores de antigas quedas e rugas, nas meio que brincadeiras meio que brigas de pique-esconde, queimada; as canelas finas, mais afinadas ainda pelos remelexos da dança do Créu.

E – Deus meu! – constrangedoramente, tremelicava a língua para mim, em meio ao tlec tlec de um chiclete gosmento que mascava (de fome mesmo talvez), macaqueando micro sinuosidades de minhoca querendo ser mulherzinha-serpente, a se pensar prety baby, ninfeta femme fatale de filme noir classe C da TV.

E cheirava um cheiro de tinta fresca, embora estivesse suja. Ratazana ou gata de rua? Comida de si mesma? Os olhos, engazeados por alguma inebriante coisa ruim qualquer, assustados com não sei o que, não combinavam mesmo, nada nada, com aquele sorriso de menininha meretriz de 11 anos, balbuciando no tremelico de língua, já impaciente:

”Quer tio? Quer tio? Eu faço!”

Foi quando meus olhos compreenderam naquele retrato de lolita imunda, o mundo-cão que emergia ali, daninho, matando toda a grama nova do jardim. No fundo, bem no fundo dos olhos dela, dava para se ver um determinismo de morte, ali mesmo, no interior da sua ainda minúscula imagem, eu via uma fumacinha branca de crack saindo e uma borra de sangue hiv positivo manchando a blusa, por todas as mazelas contaminada, sabe-se lá por que venenos picada: Bauretes? Boquetes? Croquetes?

Porco corredor curto da morte, a fumaça na chaminé de barro sem apito de fábrica de tecidos. Como naquelas imagens judias de campo de concentração – Jardim ou Campo? Arbeit macht frei, parecia estar escrito agora na grade de ferro do portão do jardim.

Jardim conspurcado, o ar a nossa volta foi tomado então pelo cheiro insuportável do thinner que ela cheirara e tive náuseas;

uma sensação estranha de vergonha e remorso, no meio de uma vontade enorme de fugir logo dali, o mais depressa que pudesse.

_"Quer tio? Quer tio? Eu faço!"

E fugi.

Passarei mais mil vezes por ali sim, pelo jardim, mas, agora com outros olhos, paixão irresistível – e escapista – que passei a sentir pelas estátuas de mulheres gregas, agora sim, para sempre lindas de morrer.

Platônicas. Bem longe daqui e de mim que as adoro helenas serenas, daquelas que antes ninfas meninas, tiveram tempo de crescer e se fazerem mulheres maravilhas; sem dolo, sem desconsolo; sem pressa e sem secura no canto da boca; nenhum abandono que não seja aquele de se deixar ficar, tolamente imóveis, tal e qual estátuas de Parthenon sem dono e sem mecenas, esperando num jardim qualquer os seus não menos tolos, como descritos, efêmeros e desenganados maridos...

...e ainda assim sem morrer de desamor.

Spirito Santo

Maio 2008



Paulo de Carvalho
 Escritor/poeta.
 Editor, diagramador, criação de arte.

.....
 as paredes daquela casa

sob um teto de meia noite
 habitam ânsias guardadas da luz...

aposentos — sancas e saibros: escuros
 silêncios intensos nas ranhuras do emboço
 entrecortadas nas falas das unhas

aspectos espectros espelho do Sopro

imagens de medos; sussurros e uivos
 sombras antigas de tempos...
 eras inimagináveis... dívidas inter vivos

o verbo grafite inscrito: a voz das paredes

ecos rubros encarnados: lúgubre
 lugares: falhas talhadas na carne... fendas

*exaltavam o assombro em suas linhas entre: pontei-
 ros exatos libertavam fomes [a gula da morte]... de-
 mônios e raivas ocupavam os cantos, vezes quatro,
 mantos de olores enxofre em cores pascais; nos ra-
 santes o voo fazia-se vermelho ao rés do chão.*

muros arrimos erguidos de saibro e sombra
suportam inexpugnável grito...

na têmpera do aço o desespero do passo

no brilho dos trilhos... a potência pulsa:
asa e sina o pulso brusco cerrado fere
— reflexo transverso subjetivada dor

o emboço é tua pele... de saibro tua carne

as paredes caiadas igualam-se as sebes
adobe e osso; argila e sangue...

*habitavam perenes sombras dentre teus vértices [ân-
gulos]; engoliam-te e expeliam-te signos, símbolos,
ícones — falas transcendentales dos séculos instaura-
vam-se — o tempo passado... dois séculos redivivos
em presente. à lâmina fria da espada marcando o
liame [futuro?].
nas arcas insones, guardadas entre naftalinas, repou-
savam os deuses de runas e breu.*

tantos cômodos igualados claustros
multiplicadas paredes... e falas
duas faces e celas

as paredes daquela casa perpetuaram seus fins



Adriana Mayrinck, 46 anos.

Produtora cultural, fez faculdade de artes plásticas em Recife na UFPE, e jornalismo na Faculdade da Cidade, no Rio de Janeiro. Pai pernambucano e mãe carioca, dividida entre as duas cidades desde que nasceu, fez do destino uma ponte para fortalecer e fomentar a cultura e a arte.

Na poesia, transborda com sensibilidade o olhar para o lado de dentro, do ser, mulher, com suas inquietações, calma e ardências.



Além de mim

O rio - Capibaribe, naquela manhã ensolarada,
abrigava o canto dos pássaros,
a melodia dançava, no vento.
Espelhos d'água refletindo os raios do sol,
que amanhecia, anunciando o novo dia.

Passo a passo circulei por suas margens,
afogando as sombras que ainda marcavam palavras.
E despida do tempo que fui, parei.
Arranquei vestígios que arranhavam
pelo lado de fora e deixei que as águas lavassem, cicatrizes.

A alma saía do casulo, transformada.
Não me vi pássaro, naquela manhã.
Mas voava por entre as flores.
Olhei reflexos nas águas do rio,
era borboleta.

Transformada no amanhã que surgia,
Mergulhei nas profundezas, dentro de mim.
Encantada e plena,
Encontrei você.

que me revestiu - de docilidades.

Naquela manhã,
ensolarada...

Renasci, além de mim.

Adriana Mayrinck



Sol e Lua

Desperto por caminhos entre a lua e o sol.
A magia que envolve o teu olhar
ao longe, espalha luz e intensidade.
E o sol ardente, aproxima pulsares latentes.

Os cabelos ao vento,
ramificado com flores silvestres
espalha perfumes e o sorriso constante
habita em nossos reflexos.

Faz noites com sol,
e dias com sombras,
na dança sincronizada da natureza enamorada
pelo tempo dos encontros.

E consome ansiedades .

Há o bailado sincronizado dos corpos
que se imaginam
que se aproximam
e fundem-se na sintonia do agora.

Há o descompasso do coração acelerado,
em agonia pelo inalcançável amanhã.
Que chega através dos segundos findos
E do amanhecer infinito.

E os dois, lua e sol,
seguem refletidos nos olhares cúmplices,
seguindo os passos marcados
nas areias do tempo dos desejos permanentes.

Adriana Mayrinck



Torrente

Águas desabam, intensas no meu despertar.
Escondo-me em algum lugar oculto nas cavidades do que sou.
Fadiga do inalcançável tempo que corrói a vida.
Tempo que obriga acalmar desejos e aprisiona vontades.
Que faz do querer, uma espera lenta e irrespirável.
Sem piedade, obriga-me a ceder aos seus domínios.
E deixo que me absorva.
E a chuva que transborda no meu mais íntimo estado de liquidez,
preenche espaços com sentimentos avassaladores e nunca antes, traduzidos.
Desfaço-me em rios que deslizam pelo imaginário espaço do agora.
Sucumbo, desaguando todos os meus sentidos nesse tempo
traçoeiro/abrigo que alimenta esperas
e traz plenitude no existir.
Refaço-me em gotas refrescantes e fluorescentes,
revestidas de calma e serenidade,
no tempo que está por vir.

Adriana Mayrinck



Daniel Lopes Guaccaluz é professor, filósofo e escritor. Publicou os livros Pianista Boxeador (contos), Fruta (romance), A delicadeza dos hipopótamos (romance) e No céu com diamantes (romance). Edita o blogue Pianista Boxeador.

E-mail danielopes26@yahoo.com.br



AQUELE QUE CUIDA

Tenho um problema sério de saúde que é crônico, mas não é fatal. Basta que eu cuide. Então, nessas minhas buscas por coragem para encarar meu destino, comecei a estudar a cultura do Oriente. Já tinha tido algum contato por meio da literatura de Herman Hesse, Henri Miller e Jack Kerouac; autores que, de algum modo, têm um pé do outro lado do mundo; mas, nos últimos tempos, mergulhei de cabeça nos escritos de Lao Tsé, Chuang Tsu e no Sutra da Flor de Lótus. Vocês sabiam que a flor de lótus nasce no pântano, suas pétalas não se sujam, se você jogar lama nela a lama escorre e que a semente pode demorar até três mil anos para germinar? Por ser uma semente extremamente dura, precisa de um contato externo, algum trauma que rompa a casca e a faça florescer? Parece o ser humano, né não? Qualquer semelhança não é mera coincidência. A gente só desperta na base da pancada.

E aí, no sábado passado, estava caminhando no parque quando uma coisa estranha aconteceu: os pássaros começaram a cantar, senti a sombra na minha pele, o sol imponente por trás, a diferença entre as árvores, os diversos tons; na grama cresciam uma miríade de florezinhas amarelas, roxas e as cigarras também cantaram. Senti um tremor, era como se tudo aquilo fosse um sinal pra mim. Gratidão sem limites se instalou no meu co-

ração, elogiei a florzinha amarela na grama, pedi desculpas por não tê-la notado antes e eu deixei de estar preocupado, elogiei também as árvores que me ofereciam sua sombra: “Ei grandona, você também é bonita!” Naquele momento, eu não tinha nenhum problema, nenhuma preocupação: nada além da paz. Uma vez na vida, eu ERA apenas, curava-me pelo Ser. Uns adolescentes que brincavam por perto gritaram: “A lá o tio tá doidão!” – “Que doidão o que, menino, estou cantando, não pode?”

Tudo estava tão claro, tão bem cuidado, tão penetrado pelo Amor oculto. A vida no planeta sarreava com o homem-preocupação. Eu não era o que sabia, não era o que tinha; era só um vazio cheio de gratidão e alegria

Caminhei mais um pouco e encontrei um senhor, negro, velho, porém jovial, vestido com um quimono. Coisas do Brasil. Ele estava com uma sacolinha e apanhava o lixo jogado na natureza, tinha também uma rashi, com o qual apanhava as guimbas de cigarro. Parei para conversar com a figura. Como estava aposentado, todos os dias fazia aquele trabalho, por gosto, por gratidão. Para ele, não importava que não tivesse sido ele a deixar o lixo e, por fim, me disse:

- Nós, que estamos um pouco menos confusos, temos de cuidar daqueles que estão mais perturbados.

Ele tinha dito nós! Mal sabia que eu era puro barulho, preocupação só. Ou percebeu que, de algum modo, eu estava mudando?



Márcia Barbieri é paulista, formada em Letras e mestre em Filosofia. Tem textos publicados em várias antologias e nas principais revistas literárias brasileiras. É uma das idealizadoras do *Coletivo Púcaro* e do canal *Pílulas contemporâneas*. Publicou os livros de contos *Anéis de Saturno* e *As mãos mirradas de Deus* e os romances *Mosaico de rancores* (no Brasil pela Ed. Terracota e na Alemanha pela Ed. Clandestino Publikationen), *A Puta* e *O enterro do lobo branco* (Ed. Patuá).



UMA CARTA DE SUICÍDIO

Por Márcia Barbieri

Não me venha falar desses rifles armados em cima da mesa
 nem das baratas voadoras que infernizam nossa desordem cotidiana
 Nem da ineficácia dos inseticidas
 nem dos carrapatos que invadem meu corpo e me devoram
 como se eu fosse uma cadela
 nem do sexo mal feito nem do beijo sem línguas nem da naftalina
 que surpreendemos entre os lençóis
 Nem do esperma que lava meu útero e depois escorre pelo ralo
 do banheiro
 Nem das aranhas que se escondem nas dobras da minha vulva
 E escalam na aridez dos meus pequenos-grandes-lábios
 nem me fale dos ratos que simularam voos nos canos e acabaram
 sufocados nos aquedutos
 nem me fale dos matagais que cobriram os pardieiros
 nem dos pardais mancos ou dos gatos que se jogaram do décimo andar

{Márcia Barbieri

Nem dos loucos que caminham com outros loucos feito manadas
nem dos amigos inconsequentes e suas mandíbulas felizes
para autorretratos
Nem me conte causos irreverentes
Nem me fale de você
não me acorde se não te ocorre nenhuma notícia amena para
me dar
antes encha meu café com ansiolíticos
diga aos inimigos que a burocracia me venceu
e ainda estou arquivando os danos
E aos amigos que não me procurem
cubra meu corpo com escombros
sim esse mesmo que você ajudou a produzir
e se perguntarem diga que envelheci como os animais selvagens e inconscientes



Luiz Calos de Carvalho / Le BARBA, iniciou os seus estudos e carreira nas Artes Visuais em 1973 quando frequentou o curso de artes visuais no Museu de Arte Moderna do Rio e participou da XII BIENAL DE SÃO PAULO. Desde então tem participado de exposições e salões pelo Brasil e no exterior. Já fez diversas exposições individuais. A partir das manifestações de 2013/14 no Brasil, o que lhe servem de inspiração para uma nova fase ligada à Street Art e graffiti. Participou de diversos mutirões de graffiti e destaque para as últimas edições do MOF - Meeting of Favela, na Vila Operária em Caxias RJ. Le BARBA, como é conhecido na cena da Street Art, participou do Intercâmbio Street Art Belleville / Niterói, expondo seu trabalhos e pintando graffitis em Paris e Niterói.

.....

Ensaio para Crônicas de Paris

ou Escritos de Paris

ou sentado no banco do parque, em Champagne, aguardando a hora da visita às Caves...

Se “Paris é uma festa”, como disse Ernest Hemingway. Paris é uma festa da Street Art que se apresenta por todas as partes

da cidade. Os graffitis mais “limpos” são proporcionados pelas instituições e galerias de arte. De fato, são belos exemplos da potência da arte de rua que se inscrevem em grandes empenas cegas, muros e similares. Nestes casos podemos apreciar a arte dos grandes artistas do graffiti que são convidados a participarem destes projetos. Então percebemos que a Street Art / Graffiti já está incorporado ao universo das artes visuais, mais especificamente, o graffiti. Podemos assistir exposições de peso como a exposição em cartaz (julho 2017), na Galerie Itinerrance. Também há um grande número de publicações sobre Street Art, graffiti, stickers, lambe-lambe e outras manifestações da cultura urbana (hip hop)

Já o fundamento da cultura hip hop, o graffiti vandal está por todas as partes, que seja nas paredes, muros, topos de prédios, tapumes, como também nos rabiscos sobre caixas de mobiliário urbano, portas, portões, vidraças, placas de orientação urbana, e estas dividem espaço com a manifestação dos stickers que é muito forte em Paris. Além das assinaturas com os marcadores (markers), os adesivos alegam a visão e dão mídia para os artistas “anônimos” e suas marcas colocadas em todos os lugares nas vias públicas.

Os detalhes a parte são para os banheiros públicos que recebem os “graffiti writers” que inscrevem as suas marcas, assinaturas, enfim, as TAGs, nas paredes, portas, tetos, e tudo o que estiver ao alcance destes atores. Os banheiros também são espaços disputados pelos stickers que neles colam os seus adesivos que trazem as suas marcas e imagens. Nestes espaços podemos notar o vandalismo bastante presente e a rataria se faz intensamente forte e animada.

A rataria é marca constante nas ruas. Talvez por já não haver mais muitos espaços disponíveis para as TAGs, BOMBS, Personas, lambe-lambe, etc. é quase já assimilado que cobrir uns aos outros e ratar faça parte das “regras da rua”...

{LC Carvalho - Le BARBA





Cantor e compositor nascido e criado em Niterói, amante do blues e da MPB.

Naldo Duarte lançou seu primeiro CD intitulado "Na Memória" no Teatro Municipal de Niterói com a participação do guitarrista do Barão Vermelho.

Labirinto

Ando meio atordoado, meio atrapalhado
 Com as coisas que me andam acontecendo
 Tropeço em sentimentos, pensamentos tolos
 Que não saem da minha cabeça
 Cai a tarde vara a noite vem o dia
 E eu misturo dor com alegria
 Tento então abrir as portas pra arrancar respostas
 Que expliquem o labirinto que é minha vida
 Pois sem você eu vivo perdido
 Trancado em meu mundo
 E sem direção
 Quero que você de qualquer maneira
 O resto é besteira, porque eu te amo
 Eu te amo, te amo
 Eu já fiz de tudo um pouco nesta vida
 E confesso que ando um tanto atrasado
 Andei focado no umbigo me esquecendo dos amigos
 E das coisas simples que de fato é o que interessa
 Vou me despir de vez dos adereços e bijuterias fúteis
 Que segregam os nossos sonhos
 Na verdade o que eu queria agora era parar o tempo
 E ver o sol nascer contigo
 Pois sem você nada faz sentido
 É um vaso partido o meu coração

Quero você de qualquer maneira
 O resto é besteira porque eu te amo
 Eu te amo, te amo

{Naldo Duarte/Herval Silveira

Limpa de Você

Eu não sei
 Quanto tempo vai durar
 O quanto que vou suportar
 Esta sua insensatez
 Já paguei quase todos os meus pecados
 Por viver sempre ao seu lado
 Veja o mal que você fez
 Eu já perdi meus sonhos
 Minhas virtudes
 Toda minha juventude
 E pra que?
 Me diz porque?
 O quanto eu te amei e não fui amada
 Totalmente desprezada
 Só me resta a solidão
 O amanhã pode ser um lindo dia
 Sem a sua companhia
 Vou viver bem mais feliz
 Mais um ano se passou
 E eu que estava triste
 Neste beco sem saída
 Agora estou tão decidida
 Toda água que rolou
 E molhou todo meu rosto
 Me lavou este desgosto
 Hoje estou limpa de você
 Limpa de você
 Limpa de você

{Naldo Duarte/Herval Silveira



José Glauco Ribeiro Tostes, Prof. Titular aposentado da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), no interior do Estado do Rio

O ESTADO NASCENTE DE WEBER-ALBERONI: O Pentecostes do início do cristianismo, a Revolução Soviética de 1917 e o Enamoramento Ocidental

INTRODUÇÃO

O que têm em *comum* as grandes experiências históricas ocidentais de Pentecostes do início do cristianismo e da Revolução Soviética de 1917 e as múltiplas experiências cotidianas do enamoramento ocidental? O presente texto se propõe a responder a tal questão através da explicação proveniente de uma certa teoria (ou melhor, mais modestamente, de um certo modelo social).

Trata-se da teoria – aplicada apenas dentro dos limites da civilização *ocidental* – do “Estado Nascente de Weber-Alberoni” (ENWA), onde Max Weber é sociólogo alemão do início do séc. XX (talvez o maior sociólogo do séc. XX) e Francesco Alberoni é sociólogo italiano do final do séc. XX; a explicação da nossa questão-chave acima se encontra no entendimento do conceito – central na teoria ENWB – de “Estado Nascente”, proveniente inicialmente de Weber e depois amplificado por Alberoni. Fazendo mais detalhada ou especificamente, a explicação se encontra no entendimento do conceito de “Estado Nascente” quando aplicado por Weber à irrupção de fenômenos *religiosos* (ou aparentados) ocidentais remotos, dentre os quais destacamos aqui a notável experiência judaica, local, periférica, de Pentecostes da qual se admite, mesmo quando sua única fonte é o Novo Testamento, ter sido a origem da explosão da religião cristã, com sua enorme velocidade de expansão para grande parte do império romano a partir – comprovadamente em termos históricos

– da primeira metade do séc. II.

O sociólogo F. Alberoni, da Universidade de Milão, enriqueceu e alargou o conceito de Estado Nascente de Weber, aplicando-o a mais dois fenômenos sociais: as grandes revoluções *laicas* contemporâneas (como a Revolução Francesa de 1789 e a Revolução Soviética de 1917) e as múltiplas experiências do (historicamente contextualizado) “enamoramento ocidental”, admitido aqui possuir uma certa identidade conceitual por um longo período no Ocidente (pelo menos nos últimos mil anos).

Vamos trabalhar o conceito de “Estado Nascente” através de *cinco* de suas propriedades, dentro da teoria ENWA, com alguma contribuição mínima do presente autor. Para facilitar o entendimento do leitor, vamos ilustrar cada uma dessas propriedades, apelando, em cada um dos cinco casos, para ao menos uma das *três* experiências apresentadas no título do presente texto. Mas que fique claro que em *cada uma* de tais três experiências estão presentes *todas* aquelas cinco propriedades.

Antes disso, apresentamos, esboçada no parágrafo seguinte, uma teoria científica, portanto *supostamente* não religiosa, da história (com pretensões à *universalidade* de abrangência a toda a história “civilizada” da humanidade). Esta teoria servirá como pano de fundo de toda a presente apresentação do “Estado Nascente”, um conceito eminentemente ligado apenas à civilização *ocidental*, mais especificamente, um conceito que se desenvolve no seu longo desenvolvimento, até há cerca de 200 anos, através de seus profundos laços com uma experiência religiosa bi-milenar que marcou (para o bem e para o mal) aquela mesma civilização: o *cristianismo*. No entanto, paradoxalmente, a experiência do Estado Nascente desagua no mundo contemporâneo através de grandes revoluções *laicas*, não religiosas, e as vezes profundamente *anticristãs*, isto é, atinge-se o limite de uma *negação* do cristianismo. Negação ou superação total? Não é assim tão simples como já veremos.

A teoria, científica, da história universal da civilização é aqui representada pelo *materialismo histórico* (Marx, Contribuição à crítica da economia política, 1859) que envolve o interplay ou interconexão *dialética* (não vamos discutir este conceito aqui) entre dois polos ou “opostos” que se interpenetram e que, portanto, não possuem uma existência ou identidade própria isolada do outro polo: (a) uma infraestrutura *econômica*

mica ou base material produtiva da vida social e (b) uma superestrutura imaterial ou “ideológica” de *todos os demais* fenômenos sociais (política, filosofia, religião, ciência, direito, cultura em geral etc.), isto é, o mundo das ideias, crenças, valores etc. Assim, por exemplo, as ideias ou conceitos (como “Estado Nascente”) não possuem autonomia ou identidade própria, independente da infraestrutura econômica e de seu desenvolvimento histórico através do *trabalho* humano de transformação da natureza. As ideias, por si próprias, não comandam o processo histórico.

Dentro dos domínios da superestrutura imaterial da história das “ideias” pode-se, parafraseando Marx, afirmar que “o cristianismo é como um éter que banha a civilização *ocidental*” nestes últimos dois mil anos. A sua influência é profundamente penetrante no tecido histórico daquela civilização; particularmente, no que diz respeito ao Estado Nascente (da teoria ENWA) e às suas cinco propriedades, que logo adiante passaremos a analisar. Mas aquele “éter” é também influente no *próprio* materialismo histórico marxista, particularmente no seu futuro projeto revolucionário de sociedade *comunista*. O comunismo é um traço *comum* marcante em certas experiências (geradoras de profundas *inflexões civilizatórias* no ocidente) de Estado Nascente, ora via breve experiência religiosa, de Pentecostes (cristianismo primitivo) e, ora via breve experiência laica, da Revolução Soviética de 1917. Pode-se dizer que temos – hoje ainda, mas não para sempre – um emaranhado ocidental entrelaçando (a) o Estado Nascente, (b) o “éter” cristão e (c) o materialismo histórico. Um desses entrelaçamentos, talvez o principal, é o *comunismo* (ver adiante mais detalhes desse traço marcante do Estado Nascente).

Passemos às cinco propriedades do Estado Nascente.

1.O ÚNICO E VERDADEIRO NASCIMENTO

Originalmente introduzido no seu “Economia e Sociedade” de 1918, o “Estado Nascente” de Weber concentra-se na investigação sociológica da explosão de movimentos religiosos remotos, como o Pentecostes das origens do cristianismo, e experiências afins que aqui não nos interessam. Invertendo as coisas, justamente através da experiência exemplar de **Pentecostes** podemos *começar* a entender sociologicamente o conceito de Estado Nascente weberiano, para *depois* o amplificarmos para

além deste nicho religioso. Trata-se de uma, em geral *brevíssima*, experiência comunitária maravilhosa, bem afastada das experiências do cotidiano, onde seus participantes experimentam um fortíssimo sentimento comum de que a (não apenas uma) única e verdadeira vida está em vias de começar (impossível não associar-se aqui com a figura do “novo e verdadeiro nascimento, espiritual” dos Evangelhos, a forte inflexão do momento da “conversão”); é, portanto, uma experiência de “trânsito”, de um projeto comum em construção; daí o atributo “nascente”, um atributo transiente. Em resumo, uma experiência de *movimento* social. Portanto, se a verdadeira vida está começando *agora*, para os participantes de tal experiência, *todo* o passado até ali – com todas as suas falsamente “sólidas” e “estáveis” *instituições*, judaico-romanas no caso do cristianismo nascente – perdeu todo o “peso”, não tem mais qualquer valor por ele mesmo, em si mesmo. Eis uma consequência notável dessa perda de peso do passado: fim “miraculoso” de qualquer sentimento de “culpa”, que cotidianamente provém de nossa vida *passada* (vida essa que perde todo e qualquer o “peso” sobre a consciência dos membros daquela experiência coletiva excepcional).

Assim também acontece no Estado Nascente das, também em geral *brevíssimas*, revoluções laicas contemporâneas e do enamoramento ocidental, na amplificação alberoniana de tal Estado imaterial (Alberoni denominou tal enamoramento de “movimento social a dois”). Sim, pois são experiências de “trânsito”, de “passagem”, de “viagem”, imprensadas entre uma instituição (até então supostamente “estável”) que se encara agora em vias de apodrecimento e uma – possível – nova instituição (futura estabilidade), ainda sendo delineada, ainda em construção pelo coletivo em Estado Nascente. Segundo Alberoni, ironicamente, o *movimento* (Estado Nascente, instável) morre quando se transforma numa *instituição* (estável). Assim, o movimento religioso converte-se na instituição “igreja”, a revolução comunista converte-se na instituição “partido” e, finalmente, o enamoramento via de regra converte-se na instituição “casamento”. É a volta ao cotidiano, à “normalidade”. Em síntese, trata-se, aí, do famoso binômio sociológico **movimento-instituição**. Como se dá a explosão de um Estado Nascente? Ela pode acontecer voluntariamente? Alberoni utiliza, didaticamente, as três categorias de Dante Aleghieri no seu “A Divina Comédia” do séc. XIV: o “céu” do Estado Nascente, o “purgatório” do cotidiano e o “inferno” da crise.

Normalmente, não se passa “tranquila, voluntária e continuamente” do purgatório do cotidiano para o céu do Estado Nascente. É preciso, primeiro, a descida ao “inferno” de uma **crise**, devastadora e desestabilizadora, de instituições até então vividas como mais ou menos satisfatórias. Uma descida claramente *involuntária*: quem quer uma crise? Assim, por exemplo, não nos enamoramos voluntariamente, nem saímos deste Estado voluntariamente. Fazendo um parênteses, há aqui espaço para uma comparação, em patamar de civilizações, entre duas experiências extraordinárias: o Estado Nascente (ocidental) e o “Êxtase budista” (oriente hindu), que vai ficar para outra oportunidade.

2.FIM DA CONTABILIDADE ECONÔMICA, FIM DA PROPRIEDADE PRIVADA, FIM DO ESTADO: COMUNISMO

Talvez a marca mais contundente e fascinante das experiências de Estado Nascente é a *total* – aparentemente “impossível” em qualquer civilização – erradicação de qualquer *contabilidade econômica* (impostos, fisco, “leão” etc.) como um supostamente “insuperável” meio de relacionamento entre os membros de qualquer sociedade humana. Esta breve erradicação, enquanto se sustenta, configura como totalmente desnecessária qualquer instituição reguladora/repressora de contabilidade econômica em seus membros, particularmente a instituição **Estado!** Profundamente articulada com tal característica número 2 destas experiências excepcionais, está o fim da *propriedade privada*: as pessoas – num coletivo incrivelmente *cooperativo* em Estado Nascente, inexistente no cotidiano em geral fortemente *competitivo* ou marcado pela *luta de classes* – repartem voluntariamente entre si tudo que até então possuíam privadamente. Novamente, para que então a instituição repressora chamada **Estado?** Por isto mesmo Weber (insuspeitíssimo de qualquer simpatia pelo marxismo e pela Revolução Soviética de 17!) chama essa segunda característica (item 2.) de “*comunismo do amor*”. Lembremos agora a síntese do conceito de “comunismo” para K. Marx: “A cada um segundo suas *necessidades*, de cada um segundo suas *capacidades*”. Todo este conjunto de “propriedades” até aqui reunidas neste item 2 está claramente presente na experiência de *Pentecostes*, descrita do cap. 1 ao cap. 4 dos “Atos dos Apóstolos” (particularmente leia-se cap. 2, 44-46 e cap. 4, 32, 34-35). Por que no cap. 5 termina este breve experiência? Porque está de volta a velha contabilidade econômi-

ca “normal” do cotidiano no episódio de Ananias e Safira (o leitor pode conferir). Fica a pergunta: se no Estado Nascente não há o agente “externo” constrangedor da instituição Estado ou análoga, qual o critério pelo qual se pode decidir acerca das necessidades/capacidades de cada pessoa? “Miraculosamente” se admite, sem qualquer questionamento, que cada pessoa do grupo sabe *exatamente* suas necessidades/capacidades. Quando essa pura confiança mútua *começa* a se desfazer é que o Estado Nascente (céu) está *terminando*, voltando-se ao cotidiano usual (purgatório) da cobrança ou contabilidade econômica. Veja-se como é fácil saber se um dado coletivo (inclusive o coletivo à dois do enamoramento ou fora dele) está ou não em Estado Nascente.

Fica claro agora porque nessas experiências maravilhosas (incluindo-se revoluções contemporâneas e o enamoramento) existe uma necessidade compulsiva de todos os seus membros estarem em constantes reuniões ou *assembleias*, caracterizando o que hoje se denomina democracia *participativa* (vide Rosseau, fim do séc. XVIII). Ah, sim. O enamoramento é uma assembleia comunista à dois. Aqui valeria a pena trazer à tona o Freud citado por Marcuse em 1955. Fica para uma outra vez (para o caráter excepcionalmente *cooperativo*, com a efetiva erradicação da *competição*, de tais experiências, veja-se a referência em inglês na Bibliografia final do presente texto)

3.O CENTRO “REAL” ABSOLUTO DO ESTADO NASCENTE: O “SER NECESÁRIO” DA FILOSOFIA-TEOLOGIA OCIDENTAL

Vamos apresentar essa terceira característica (aparentemente muito “difícil” ...) do Estado Nascente apelando – didaticamente – desta vez para a experiência do *enamoramento ocidental*, via sua interpretação (teoria ENWA) alberoniana de 1981. Mais uma vez – conforme veremos – detecta-se aí a “invasão” do “éter cristão” banhando a civilização ocidental.

Começemos por um enamorado (no “céu” do Estado Nascente). Aos olhos de um tal apaixonado o ser amado é único, absolutamente único. Como? De uma forma que *parece* muito difícil de se entender, pois envolve, como veremos adiante, filigranas filosóficas ocidentais. Aos olhos do apaixonado o ser amado é o “único ser – em *todo* o universo – que tem valor em si mesmo”, que “merece existir por si mesmo” (atributos

pertencentes *exclusivamente* – na teologia cristã clássica – a *Deus*) e que surge diante do apaixonado como que de forma totalmente *gratuita* (tal como numa – totalmente gratuita, isto é, *nada* devendo a qualquer esforço do ser humano – “revelação divina”, dirá Alberoni, tomando em prestada esta categoria cristã; aqui temos outra forma de reconhecer que *não* se entra voluntariamente em qualquer Estado Nascente, inclusive o do enamoramento). E quanto a todos os *outros* seres “restantes” do universo? Ah! Todos eles, ao contrário do ser amado, “*não* têm qualquer valor em si e por si mesmos”. Qualquer valor presente em qualquer um de todos eles (como se fossem “**planetas**”, sem luz própria) emana única, gratuita e radiantemente do ser amado (como se este fosse o “**sol**”, o único “sol”, a única fonte “radiante” central e **absoluta**, de todo e qualquer valor nos “planetas”, isto é, no “resto” dos seres humanos). Assim, para o (nosso “radical”) enamorado, qualquer outro ser ou “planeta” só possuirá algum valor digno de atenção na medida em que tal valor tenha sua origem nos “raios solares” partindo do seu ser amado. Como afirma o escritor M. Kundera, o ser amado ocuparia completamente a “região poética do cérebro” do enamorado. Deslocando inclusive Deus dessa mesma região e ocupando aí seu lugar, completaríamos nós.

O ser amado, aos olhos do enamorado como acima descrito, ocuparia segundo Alberoni a posição do “Ser **Necessário**” (Deus) na filosofia-teologia cristã tradicional. O enamorado estaria praticando uma das operações centrais do pensamento grego clássico – que acabou apropriada pelo cristianismo medieval – denominada de “desdobramento de **binômio metafísico**”. De modo algo simplificado tal operação consiste de duas etapas: primeira, separe o mundo em dois pedaços; segunda, “absolutize” um deles, isto é, institua uma separação hierárquica **radical** entre os dois pedaços. No caso de Platão temos o binômio *realidade-aparência* (que todos ainda usamos: “parece, mas não é”). E no seu discípulo Aristóteles temos uma variante deste mesmo binômio: *ser necessário-ser contingente*, muito utilizada na teologia (tomista) católica a partir do séc. XIV. Aí Deus = *ser necessário* (ser absoluto, criador, causa primeira, que existe, que tem que existir por si mesmo) e o restante de todos os seres do universo = *seres contingentes* (criaturas, que não precisariam existir, mas existem por pura graça do ser necessário, absoluto). Qualquer semelhança com a relação acima entre: “ser amado (ser

necessário) - restante dos seres (seres contingentes)” **não** é mera coincidência!! Assim, podemos ensinar estas “difíceis” ideias filosóficas, centrais no ocidente, através da (didática) experiência do enamoramento.

4. SMALL IS BEAUTIFUL (O PEQUENO É QUE É BONITO)

Quantas vezes redescobrimos a roda? Esse parece ser o caso, na civilização ocidental, dos anarquistas do séc. XIX e do ambientalistas a partir de meados do séc. XX: o ser humano civilizado só pode encontrar seu “locus” de felicidade e paz, entre eles mesmos e entre eles e a natureza, em *pequenas comunidades*, jamais em megalópoles. Ora, este é precisamente o caso desta quarta característica comum das experiências de Estado Nascente: elas explodem e, quase que inevitavelmente, só sobrevivem em comunidades suficientemente *pequenas* no espaço e por suficientemente *breves* momentos no tempo. Sim, claro, pois tais experiências (“céu”, *movimentos* sociais, trânsito) estão totalmente cercadas pelo grande “oceano tóxico” do cotidiano (“purgatório”, *instituições* que almejam perpetuar-se) com o qual não podem, metaforicamente, deixar de “trocar materiais”. Esta tendência, ao pequeno e ao breve, de tais experiências tem sua ancestralidade (pré-civilizações) na evolução biológica, por milhões de anos, dos homínídeos. Em síntese, existe uma contradição de fundo no atual mundo altamente urbanizado capitalista: não estamos, segundo o conhecido biólogo E. Wilson, “adaptados” biologicamente para imensas concentrações urbanas. Esta discussão – relação biologia-cultura – fica para outra ocasião (veja-se, porém, o artigo em inglês citado ao final do presente texto).

5. CRIATIVIDADE MÁXIMA

Novamente, tomando como referência a experiência do enamoramento, podemos apresentar a quinta e última característica comum das experiências de Estado Nascente. Há uma tendência impressionante de incremento de criatividade, em relação ao patamar do cotidiano, em indivíduos enamorados, independente do gênero (homem/mulher). Há como que um feitiço mútuo envolvendo exclusivamente o par (quando falamos em “par” trata-se do caso bem mais raro do enamoramento *bilateral*, isto é, *ambos* estão enamorados entre si). Cada um dos dois julga-se o único capaz no mundo de surpreender e extasiar profundamente o outro. É claro que tal incremento de criatividade não é “mira-

culoso”: cada indivíduo enamorado tem seu patamar máximo de possibilidades de agir criativamente. Isto fica sobejamente apresentado num sem número de filmes. Dada uma cultura em geral misógina, seria o homem, em geral, o fator ativo nesse processo hiper-criativo voltado para o outro mais passivo (a mulher). Mas há casos onde *ambos* por-fiam ativamente em termos de criatividade. É o caso exemplar do filme “Entre dois amores” (1985) de S. Pollak, com R. Redford, M. Streep e K.M.Brandauer.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

M. Weber, *Economia e Sociedade* (original alemão 1918)

F. Alberoni, *Gênese* (original italiano 1989)

F. Alberoni, *Enamoramento e amor* (original italiano 1980)

M. S. Sthel, **J. G. R. Tostes**, J. R. Tavares, “Sustainable geometric and bio-cultural/cultural models of human society: the role of non-capitalist cooperation in times of civilizational/environmental crisis”, *Journal of Sustainable Development*, **10**, N. 2, 2017 (on line).

**PAULO MENEZES**

FORMAÇÃO

Sou de formação auto-didata e estudei em métodos de músicos e professores como Maria Luisa de Mattos Priolli, Antonio Adolfo, Almir Chediak, Paul Hindemith, Nelson Faria e Tomás Improta. Tive a oportunidade de ter aulas particulares com o grande músico e mestre do contrabaixo acústico, professor Paulo Russo.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

professor de Violão Popular e Contrabaixo Elétrico desde 1979;

voz e violão em grupos de MPB;

contrabaixo em algumas bandas de rock;

shows em diversas casas noturnas do Rio de Janeiro nos anos 80, entre elas, o Restaurante Café Un Deux Trois, no Leblon, sob o comando do pianista Ely Arcoverde e o Bar Let It Be em Copacabana, acompanhando o rockeiro Serguei;

atualmente toca na banda Ícones do Progressivo.

[\(21\) 99465-8177](tel:(21)99465-8177) (Tim) | [\(21\) 97214-5859](tel:(21)97214-5859) (Vivo)

FANZINE
Alfarrabios

